



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **“O ADOLESCENTE”, DE MÁRIO QUINTANA: LEITURA E PROPOSIÇÃO DE ATIVIDADE**

Hildenia Onias de Sousa

*Escola Estadual de Ensino Médio Compositor Luís Ramalho – João Pessoa - PB*

[hildeniaonias@gmail.com](mailto:hildeniaonias@gmail.com)

O objetivo deste trabalho é fazer uma leitura do poema “O adolescente”, de Mário Quintana, tendo como base alguns estudos teóricos e críticos sobre texto literário e sobre a metáfora. Os poemas que comparecem na coletânea *Nariz de vidro*, na qual está inserido o poema “O adolescente”, tratam de temas como nostalgia da infância, ternura, cotidiano; e a adolescência, por sua vez, é retratada através de imagens expressivas que encantam leitores de todas as idades. Tendo em vista que o trabalho com o poema na educação básica costuma ser bastante pragmático, principalmente quando se verifica a abordagem da poesia nos manuais didáticos em geral, após a análise do poema de Quintana, apresenta-se uma proposta de atividade a ser desenvolvida em sala de aula, especialmente com alunos de 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Texto literário, metáfora, ensino.

### **INTRODUÇÃO**

O trabalho com o texto literário na educação básica é um componente indispensável para a formação do leitor. Além da função humanizadora da literatura (CANDIDO, 1989), a linguagem carregada de novos sentidos, todos eles respeitando a imanência textual, permite que o aluno, se bem orientado, possa desenvolver o gosto pela leitura, o senso crítico, as relações de pertinência entre o objeto estudado e as possíveis interpretações que o estudante faz sobre o texto.

A linguagem metafórica muito presente nos textos literários é um recurso que deve ser trabalhado no cotidiano do aluno, haja vista que ele irá lidar com outros gêneros textuais, no seu dia a dia, que lhe exigem compreensão de processos metafóricos, a exemplo das propagandas, das charges, tiras, dentre outros.

Nesse contexto, o presente artigo faz uma reflexão sobre algumas concepções teóricas de metáfora, realiza uma leitura do poema “O adolescente”, de Mário Quintana, e sugere uma atividade com o referido poema, com foco no 9º ano (Fundamental II) e 1º



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ano do ensino médio, embora a proposta seja passível de adaptação para outros anos do ensino básico.

Quando nos remetemos ao termo metáfora, lembramos de linguagem figurada, conotativa e essa simples relação mental que fazemos já nos oferece uma concepção, embora superficial do termo. Discutindo o conceito de metáfora, Paul Ricouer (op. cit. SHELDON, 1992, p. 148) afirma:

A característica decisiva é a inovação semântica, graças à qual uma nova pertinência, uma nova congruência é estabelecida de tal maneira que o enunciado faz sentido como um todo. O criador de metáfora é esse artesão com habilidade verbal o qual, a partir de um enunciado inconsciente para uma interpretação literal, extrai um enunciado significativo para uma nova interpretação que merece ser chamada metafórica por gerar a metáfora, não apenas como um desvio, mas por ser também aceitável.

Chamamos a atenção para a expressão “inovação semântica”, a construção de uma metáfora, trabalho verbal e artístico. Não se trata de uma mera transferência de sentidos: do literal para o conotativo. A metáfora criada requer aceitação do novo sentido adquirido. Tratando do mesmo conceito, Kakoff e Jhonson (2002, p.45) trazem à tona a concepção mais generalizada do termo e se contrapõem de forma enfática, mostrando que a metáfora não está estritamente ligada à linguagem, mas também às ações e aos pensamentos. Ela faz parte do nosso cotidiano.

Para Lakoff e Johnson (2002, p.45)

A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso de imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação [...]. Ao contrário, a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.



Procuramos aproveitar as acepções dos autores acima mencionados na leitura do poema “O adolescente”. Esse texto aparentemente simples comprova um trabalho verbal cuidadoso e também diz muito do cotidiano, fazendo o leitor pensar sobre essa fase tão decisiva na vida que é a adolescência.

## **METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Esse estudo é fruto de nossas leituras no curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Paraíba (2007) e de sucessivas leituras nos últimos anos a respeito do ensino de literatura na educação básica, agregando a essa realidade a nossa prática de 26 anos como professora de Português nos níveis fundamental e médio.

O poema foi escolhido para suscitar o interesse do aluno pelo texto literário, especialmente para a leitura de poemas. Considerando a faixa etária dos educandos do 9º (Fundamental) e 1º (Médio), assim como os conteúdos: linguagem literária, sentido conotativo, estudo da metáfora foi feita, em primeira instância, uma análise do poema, considerando as metáforas construídas no texto. Em seguida, propomos uma atividade que poderá ser aplicada nos anos acima mencionados.

O poema “O adolescente”, de Mário Quintana foi retirado do livro *Nariz de vidro*, publicado pela editora Moderna em 1984. Essa edição traz ilustrações em cada poema, um traço comum nos livros indicados para leitura do público infanto-juvenil.

No poema em foco, temos uma ilustração que representa o rosto de um adolescente, trazendo arqueado à cabeça o título o qual está ligado a algo que sugere

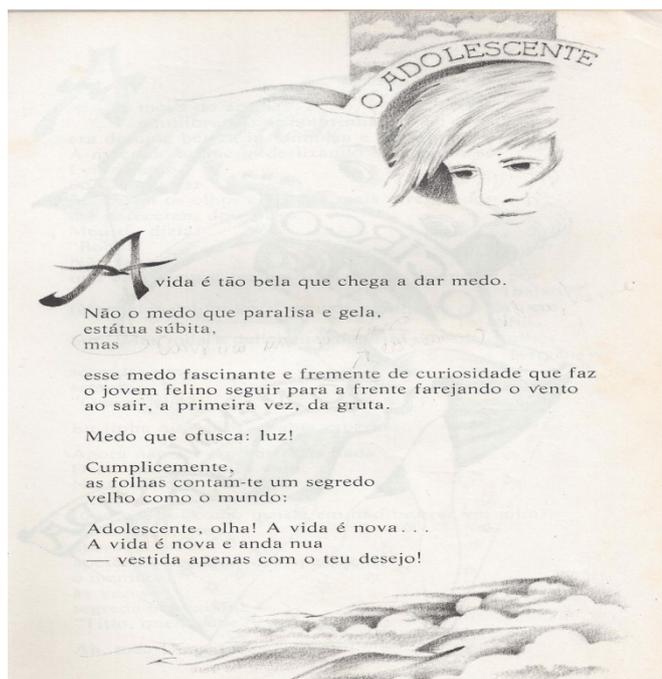


## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

uma asa, cuja relação com a tira em que está grafado o nome do poema, dá ideia de um pássaro alcançando voo.

A presença do recurso da metáfora comparece no texto e é aproveitada no decorrer da nossa leitura. Vejamos, pois o poema:



O poema tem quatorze versos e as últimas estrofes constituem dois tercetos. O poeta parece desestruturar um soneto, uma forma fixa, para dar lugar a versos livres, os quais sugerem a tendência do adolescente em romper com o convencional.

O título “O adolescente”, representado através da ilustração, chama a atenção e nos fornece índices do que será tratado no poema. Tem-se, em primeira mão, um texto visual que antecede o poema escrito. O título nos leva a uma definição do que é um *adolescente*. Assim podemos comparar uma definição “científica”, “referencial” com a definição poética de Quintana.

No Dicionário Aurélio, temos a seguinte definição:

**Adolescente** – Que está na adolescência, que está no começo, no início; que ainda não atingiu todo o vigor. Período que sucede à infância, começa com a puberdade e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A definição poética de Quintana se dá em todo o poema, abrangendo temas subjetivos como o medo. Essa palavra é referencializada e metaforizada nas quatro primeiras estrofes do poema. Nas duas últimas estrofes, o eu lírico dá um sentido apaziguador ao medo, despertando o adolescente para enfrentar a vida sem esse medo, que é tratado como uma ansiedade análoga à alegria.

Na segunda estrofe a presença dos elementos “paralisar”, “gelar”, “estátua” vão ser contrastados pelos seguintes elementos da terceira estrofe: “seguir para frente”, que dão a ideia de movimentar-se, buscar.

O eu lírico parte de uma ideia geral sobre a vida, que pode ser referida a qualquer fase do ser humano: “A vida é bela”. Essa ideia é intensificada pelo advérbio “tão”, que aumenta, de forma eufórica, esse sentimento de beleza, culminando com a expressão “chega a dar medo”. Desde a primeira estrofe, percebe-se que esse medo é positivo. E essa incidência positiva do medo, tratada no poema, continua a ser explicada nas três estrofes que se seguem. Não é o medo negativo, aquele que produz mal-estar do corpo e da mente. É “um medo fascinante”. É um medo que produz entusiasmo, euforia, desejos. É um medo que é movido pela curiosidade.

É importante pontuar que a curiosidade é uma marca forte na adolescência. Adolescência é assim a fase das descobertas; do conhecimento de si mesmo; do outro e das coisas que envolvem o sujeito.

O advérbio “cumplidamente” (quinta estrofe), assim como a conjunção adversativa “mas” (segunda estrofe), constituem um único verso. O termo adversativo *mas*, constituindo um único verso, além de sugerir a adversidade da vida, a força dos contrários, dos opostos, remete à possibilidade que se tem de equilíbrio. A vida é um suceder constante de oposições, mediante às quais é preciso sempre um *mas* que mostre um outro lado, uma outra fase das questões. “Cumplidamente”, por sua vez, abre uma outra questão de vida, que é fortemente instaurada na adolescência: a cumplicidade. Esse fator é importante, haja vista a relação que ele tem com a ideia de segredo, que está no verso seguinte. O adolescente precisa ter alguém para fazer suas confidências. E, por toda a vida, esse papel acompanha o ser humano.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A construção da terceira estrofe aproxima o menino do animal: o jovem felino segue em frente movido pela curiosidade. Ele fareja o vento porque é a primeira vez que ele sai da gruta. Sente o cheiro das coisas e é preciso que ele sinta para que descubra o que realmente lhe interessa ou lhe agrada.

A questão do faro nos parece bem importante, não só por aproximar a prática irracional com a racional, mas também por ser corroborada pela expressão intercalada “a primeira vez”. O que significa “sair pela primeira vez da gruta” no contexto da adolescência?

A adolescência é um momento de “primeira vez”. Primeira vez que se vão a uma festa, primeira vez que se sai só, primeira paixão, primeiro sutiã, primeiro beijo, enfim.

Em “Medo que ofusca: luz!”, o poeta conclui a primeira parte do poema, na qual ele define o medo sob o ponto de vista da positividade. O medo é, então, conotado no contexto da própria luz que ofusca, no sentimento mais literal que se possa perceber. Metaforicamente, o verso também alude ao conhecimento. Não só aquele empírico que construímos desde a adolescência, mas também ao conhecimento científico.

Em: “as folhas contam-te um segredo velho como mundo”, há uma personificação. Mas também podemos entender como um processo metonímico, já que podemos imaginar não só folhas de árvores, mas ainda folhas escritas em papéis. Estas podem contar grandes segredos ao adolescente. Podemos ainda ver “as folhas” como representantes daquilo que é lugar-comum, daquilo que todo mundo diz; um segredo que não é segredo, mas que o é até o momento em que o adolescente se apropriar dele como verdade para a sua vida.

A última estrofe é a revelação desse segredo: “A vida é nova...” As reticências podem sugerir a série de lugares-comuns que atuam no contexto de conselhos dos mais experientes, na vida do adolescente. E mais: é o adolescente, dependendo de suas escolhas, que vai dar a roupagem para a sua vida, que até então é nua.

Todo o poema é rico em metáforas: “jovem felino” – aqui a imagem do gato pode simbolizar a liberdade. Há a construção de uma sequência de significados, a partir daí. Assim, felino está para animal, que está para gruta, que pode ser associada aos



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

conceitos de ignorância, escuridão e opressão. Essa gruta, por sua vez, está à mercê do vento, do ar, da luz. Tem-se ainda outras metáforas: “As folhas contam-te um segredo” (o segredo é **velho**, a vida é **nova**). A vida anda nua. A vida é vestida apenas com o teu desejo.

Quintana é, pois, esse artesão, esse criador de ricas metáforas, que possibilita aos estudiosos de sua obra um encontro com o novo significado, que rompe os limites do sentido literal para dar o verdadeiro sentido de se analisar poemas: a percepção dos significados metafóricos. Tais significados são pertinentes ao trabalho com o texto poético em sala de aula e podem proporcionar ao aluno o desenvolvimento de competências no processo de formação de leitor, tais como: a formulação de inferências, a criticidade, dentre outros.

No que concerne à elaboração da proposta de atividade com o poema, passamos a descrevê-la. Para a realização dessa atividade, o professor deve destinar três aulas. O primeiro contato do aluno deve ser com o texto, no caso, o poema em discussão. Os textos devem ser xerografados da edição aqui utilizada, ou de outra edição que contenha ilustração. Em seguida, devem ser distribuídos com os alunos.

No primeiro momento, o professor deve pedir para que todos leiam o texto. Passado o tempo da leitura, o professor faz a leitura do poema, imprimindo nessa leitura a entoação pedida pelo texto, realizando, assim, uma leitura expressiva. Em seguida, deve encaminhar uma conversa sobre o texto, norteada, por exemplo, por questionamentos pontuais à turma ou a alunos específicos: Qual o assunto desse texto? O título do texto tem a ver com o que é dito no texto? Com essas duas perguntas, o professor tem material para ver com os alunos o todo do texto de uma maneira introdutória, pois ele pode escutar os alunos individualmente, pode também pedir que eles conversem uns com os outros sobre o texto, além de poder elencar respostas dos alunos no quadro para interagir com eles.

No segundo momento, o professor pedirá para que os alunos escolham o verso do poema de que mais gostaram e justifiquem suas escolhas. É interessante que essa justificativa seja feita de forma escrita e recolhida pelo professor. Considerando que



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

essas respostas sejam pequenos textos, o professor deverá acompanhar o processo de escrita dos alunos, adequando-o à norma culta e orientando-os para que essa pequena produção seja dotada de sentido. Após as correções do professor, o aluno passará seu pequeno texto a limpo e entregará ao professor. Este, por sua vez, poderá montar um quadro demonstrativo que aponte os versos mais escolhidos e as justificativas dos alunos. Na aula seguinte, eles poderão ver as suas produções materializadas em textos digitados e impressos ou em *power point*. Isso fará com que eles se sintam valorizados, no que tange à expressão do pensamento e ao processo de escrita.

Decorrente do segundo momento, a terceira etapa da atividade será a demonstração dos textos dos alunos para toda a sala, através da leitura de alguns dos textos produzidos e comentários feitos pelo professor. Para finalizar esse momento, o professor deve apresentar um pequeno relato de sua experiência de leitura com o poema e com o texto literário como um todo. Se preferir, pode fazê-lo escrito e distribuir o texto com os alunos para que eles leiam e percebam que seu professor (a) é um leitor, tem uma história de leitura. Isso é válido para que o aluno constate que aquilo que o professor trouxe para que eles vivenciassem, já fora vivenciado pelo professor. Certamente, esse procedimento chamará a atenção de muitos alunos. Eles são curiosos e as nossas experiências e histórias, dependendo da forma como são contadas/relatadas, contribuem para a formação da cidadania, do senso crítico e da prática de formação de leitores.

### CONCLUSÕES

O poema “O adolescente” na edição particular utilizada neste trabalho, permite uma possibilidade de leitura ampliada, haja vista o enriquecimento trazido pelas ilustrações. Esses elementos foram aproveitados na análise do poema, e nos fez perceber que no caso da leitura e interpretação do texto poético, direcionada a um público



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

infanto-juvenil, a ilustração comparece, relacionando o material verbal, de modo a incentivar a formação do leitor.

Quanto à construção do processo metafórico, vemos que Quintana, numa linguagem simples, constrói metáforas das quais é possível se aproveitar a riqueza de sentidos novos e aceitáveis sem deixar de lado o cotidiano e a simplicidade.

O texto literário é um componente eficaz para a formação do leitor, visto que permite o desenvolvimento de habilidades de interpretação e de produção de inferências, além de possibilitar o contato do aluno com a linguagem distanciada do senso comum, ou seja, com a linguagem metafórica.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. “A interpretação da obra literária”. In: **Céu, Inferno**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

\_\_\_\_\_. PCN. **Ensino Médio**: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC/ Semtec, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e...** São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

COHEM, Jean. **Estrutura da Linguagem Poética**. São Paulo, Cuttrix, 1978.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. São Paulo: Positivo, 2004.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana**. São Paulo/Campinas, Educ/Mercado das Letras, 2002.

PINTO, Sérgio de Castro. **Longe daqui, aqui mesmo**. São Leopoldo, 2000.

QUINTANA, Mario. **Nariz de vidro**. São Paulo: Moderna, 1984.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

RICOEUR, Paul. **“O processo Metafórico como Cognição, Imaginação e Sentimento”**. In: Sacks Sheldon (org). Da Metáfora. São Paulo, Educ, Pontes, 1992.